

Ana Dias Batista: Chão Comum¹

Fernanda Pitta

As pinturas e legendas estão rebaixadas. O centro das telas não está nos usuais 1,55 metros de altura e as informações a respeito das obras acompanham esse movimento. A maioria do público adulto precisa descer o olhar. Outros talvez finalmente vejam as coisas de sua perspectiva. A mudança de ponto de vista requer uma pausa e reajuste, para os quais tapetes oferecem ajuda. O olhar sai da rotina e a visita se distende. Ver as pinturas assim não é o habitual para ninguém. Coisas que talvez passem despercebidas, como os sapatos dos personagens retratados nas pinturas, subitamente ganham destaque. Eles se materializam no espaço do museu.

Na sala contígua, o visitante percebe passos que poderiam ser seus, de pessoas que aqui estão, ou quem sabe dos donos dos sapatos deixados sobre o piso. Na verdade, são sons captados a partir do andar inferior do edifício. Sim, é este o barulho que o caminhar do visitante aqui neste espaço faz para aqueles que estão na sala logo abaixo. A presença do público, afinal, reverbera fisicamente na instituição. A artista indica que o estar dos visitantes no museu é também uma espécie de coreografia, uma performance, que surge do encontro que se tem com os objetos dispostos no espaço museológico. Eles estão organizados segundo a ordem e o critério do museu. Respondem às construções narrativas e às sugestões interpretativas, às composições espaciais e aos requisitos de preservação, de circulação e segurança. Mas o público em visita muito raramente segue a ordem proposta. Ora sua atenção é atraída por esta ou aquela obra, por algum detalhe, ou mesmo assunto. Ora interessa-lhe mais percorrer os espaços como se estivesse olhando pela janela de um trem, num *travelling* cinematográfico, ou ainda num prosaico passeio no shopping.

Em *Rodapé*, a artista parte da experiência de muitos visitantes da Pinacoteca que, percorrendo as salas do primeiro andar do edifício, percebem estarem acompanhados dos passos dos visitantes no segundo piso. Recriando no próprio andar os sons emitidos pelo caminhar das pessoas no andar inferior, Dias Batista também produz associações do museu com o ambiente doméstico e reitera o deslocamento do olhar da linha de mirada habitual para buscar a origem desse ressoar um tanto assombroso.

Com *Rente*, *Voadores* e *O Par*, ela intervém na exposição de longa duração da Pinacoteca, dando destaque à percepção das várias camadas, incongruências e contradições que compõem a experiência do museu. Por meio de operações correntes em seus trabalhos, a artista manipula réplicas, transferências, traduções, propondo uma experiência a partir de novas balizas. O “chão comum” é desestabilizado, em favor de uma abertura para aquilo que é enigmático, inusitado, “sem chão”.

¹ Texto escrito em março de 2018 por ocasião da exposição homônima na Pinacoteca do Estado de São Paulo, com curadoria da autora.

